

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (CBG/UFRJ): 10 ANOS DE TRAJETÓRIA E OS “NÓS DESATADOS”

Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de
Informação of the Universidade Federal do Rio de Janeiro
(CBG/UFRJ): 10 years of experiences and “untied knots”.

Nysia Oliveira de Sá

Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana
(UERJ)
Professora adjunta - CBG/FACC (UFRJ)

Patrícia Mallmann Souto Pereira

Doutora em Comunicação e Informação (UFRJ)
Professora adjunta - CBG/FACC (UFRJ)

Neste ano, o CBG como é conhecido entre seus alunos e professores, completa 10 anos de existência, cujo caminhar foi marcado não só por momentos de luta intensa mas também de muitas conquistas. Assim, com o objetivo de preservar essa história a professora Nysia Oliveira de Sá e a professora Patrícia Mallmann Souto Pereira realizaram duas entrevistas; a primeira com as coordenadoras da comissão que elaborou a proposta pedagógica do curso, Mariza Russo (bibliotecária e professora do CBG desde 2006, além de ser a primeira coordenadora) e Eliana Taborda Garcia Santos (bibliotecária que auxiliou no processo de implantação do curso). A outra entrevista reuniu além das coordenadoras as seguintes integrantes dessa comissão: Paula Maria Abrantes Cotta de Mello, Elaine Baptista de Matos Paula, Maria das Graças Freitas Souza Filho, Maria José Veloso da Costa Santos, numa conversa leve e descontraída, o que se refletiu na maneira coloquial das falas de todas as entrevistadas.

De modo a registrar momentos que foram tão marcantes para esse grupo, o texto reúne as duas entrevistas, que foram organizadas, a partir dos temas abordados pelas entrevistadas.

A comissão para elaboração da proposta pedagógica do CBG foi composta pelas bibliotecárias da UFRJ Mariza Russo e Eliana Taborda da Costa Santos (como coordenadoras), Paula Maria Abrantes Cotta de Mello, Elaine Baptista de Matos Paula, Maria Luiza Andrade di Giorgi, Myriam Lafayette de Sá Linden (Sistema de Bibliotecas e Informação – SiBI), Jane Maria Medeiros (Biblioteca do Centro de Ciências Jurídicas

e Econômicas – CCJE), Maria das Graças Freitas Souza Filho (Biblioteca do Instituto de Macromoléculas – IMA), Maria José Veloso da Costa Santos (Biblioteca do Museu Nacional – MN – do Fórum de Ciência e Cultura), Patrícia Rosas (Biblioteca do Instituto de Doenças do Tórax – IDT – do Centro de Ciências da Saúde) e Vânia Lisboa da Silveira Guedes (Biblioteca da Escola de Química – EQ – do Centro de Tecnologia); além de Ilce Gonçalves Millet Cavalcanti (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT).

Transcorreram cinco anos entre o início da elaboração da proposta pedagógica e sua aprovação pelos órgãos competentes da UFRJ (Edital UFRJ nº 35, de 15 de julho de 2005). Assim, a primeira turma do CBG iniciou em agosto de 2006, sendo que atualmente, o curso conta com oito turmas com cerca de 300 alunos ativos, distribuídos, a partir de 2010, em dois campi: o da Praia Vermelha, localizado no bairro de Botafogo e o da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão.

O projeto político pedagógico, de natureza multidisciplinar, previa a participação de docentes de diferentes unidades acadêmicas da UFRJ, como Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC), Instituto de Economia (IE), Instituto de Matemática (IM), Escola de Belas Artes (EBA), Faculdade de Letras (FL), Escola de Comunicação (ECO), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) e Instituto de Psicologia (IP).

Atualmente, o corpo docente é composto por 23 professores efetivos e alguns substitutos, além de profissionais que atuam como colaboradores. Quanto à formação profissional, metade dos docentes possui graduação em Biblioteconomia e os demais em outras áreas, como História, Letras e Administração. Desse total, 40% possuem título de doutor, 30% estão em doutoramento e 30% possuem título de mestre.

A participação ativa do corpo docente e discente nesses dez anos na vida acadêmica e política da universidade tem se traduzido pelo desenvolvimento de vários projetos de iniciação científica e de extensão, apresentação de trabalhos científicos em eventos nacionais e internacionais, organização de eventos e envolvimento com os movimentos associativos.

Como surgiu a ideia de criação do CBG?

Mariza: O curso começou a ser pensado desde 2000, quando eu era coordenadora do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ, o SiBI. À época, percebemos que a UFRJ era uma das poucas universidades brasileiras que não tinha o curso de Biblioteconomia presencial. Não acredito muito em casualidade e sim em sincronicidade, assim, na ocasião, me deparei com o livro da bibliotecária Lydia Queiroz Sambaqui, de 1950, que se encontrava na Biblioteca Central da UFRJ. Nele havia a proposta de criar mais do que um curso de Biblioteconomia na UFRJ, era construir um prédio de oito andares, em que sete seriam destinados à biblioteca central, com todas as especificidades de uma biblioteca central, com todos os setores. O último andar seria destinado ao curso de Biblioteconomia. É importante ressaltar que o curso, pensado ainda em 1950, previa uma sinergia muito grande entre as bibliotecas da UFRJ e o curso em si.

Eliana: O reitor, na época, era o professor Carlos Lessa, que abraçou também essa ideia de criação do curso. Eu acho que todas as estrelas conspiraram para que esse curso acontecesse.

Paula: Gosto de guardar nas minhas recordações, antecedendo a fala da Mariza, sobre a criação do curso... Foi quando nós duas, após uma reunião muito cansativa sobre o SiBI, na biblioteca Pedro Calmon, estávamos nos ressentindo do reduzido número de estagiários que tínhamos no Sistema, na época, e que nem todos traziam conhecimento afinados com as nossas demandas. Conversa vai, conversa vem, olha uma para a outra e diz assim: por que a gente não faz os nossos próprios estagiários? É aí que eu considero o grande embrião da ideia. A Mariza tomou a frente e foi feita a composição do grupo [...] Fizemos o levantamento de quem já tinha mestrado na época e depois fomos agregando outras pessoas com perfil adequado, e aí se iniciou um trabalho fantástico.

O desenvolvimento da proposta pedagógica envolveu quantas pessoas?

Mariza: Foram convidados bibliotecários do SiBI, que já tinham terminado o curso de mestrado e buscamos, também, assessorias internas e externas à UFRJ, como a professora Denise Fleck, do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da UFRJ (COPPEAD); o professor Eduardo Mach, da Escola de Química (EQ), que na ocasião fazia parte da administração central da UFRJ, pois era o superintendente da Pró-reitoria de Graduação (PR1); convidamos a professora externa Vania Maria Rodrigues Hermes de Araujo, vinculada à Sociedade Brasileira de Metrologia, visto ter participado em outras ocasiões de elaboração de propostas pedagógicas de cursos de graduação; convidamos, algum tempo depois, as professoras Araceli Cristina de Sousa Ferreira e Clotilde Ramona Paez, da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC), a unidade da UFRJ que iria abrigar o curso; essas duas professoras nos ajudaram a verificar a possibilidade dessa vinculação do curso à área de gestão.

O projeto pedagógico contempla disciplinas de diferentes áreas do conhecimento e, conseqüentemente, envolve diferentes unidades acadêmicas da universidade. Quais foram os motivos que levaram à essa decisão?

Mariza: Uma das primeiras tarefas dessa comissão foi analisar as propostas pedagógicas dos cursos, que já eram oferecidos no Brasil e percebemos que no Rio de Janeiro existia três cursos já implantados: o mais antigo deles, o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), originário do curso da Biblioteca Nacional; o segundo mais antigo, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e o terceiro de uma universidade privada, a Universidade Santa Úrsula (USU), que naquela época estava ativo. A gente percebeu que criar mais um curso, na UFRJ, seria inventar mais do mesmo. Assim, decidimos trabalhar numa proposta inovadora ao vincular o curso à área de gestão.

Eliana: Para montar essa proposta pedagógica, nós analisamos 38 matrizes curriculares dos cursos de Biblioteconomia, em todo o Brasil, verificando a ementa de cada disciplina e identificando, pela nossa experiência, o que a gente gostaria que o nosso curso oferecesse aos alunos. Porque nós percebíamos em nossa prática a falta que fazia conhecimentos na área de gestão, de administração, de marketing. Muitas de nós à frente de unidades de informação na UFRJ tivemos que aprender como se faz um projeto para pedir verba, como fazer orçamento para comprar livros... aprendemos por ensaio e erro. Então nós queríamos que os nossos alunos tivessem esse tipo de fundamentação, um pouco de contabilidade, um pouco de finanças, de administração, de marketing no currículo, para que pudessem ser bem sucedidos no futuro mercado de trabalho. A ideia era utilizar o que a universidade tem de melhor. Seria maravilhoso se a gente pudesse pegar os professores de outras unidades e que viessem contribuir, ministrando aulas no curso de Biblioteconomia, como o Instituto de Psicologia, a Escola de Engenharia, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

Mariza: Talvez seja um pouco mais do que isso, seria trazer para dentro do curso a visão de pessoas de fora do curso, para que eles [os estudantes] não ouvissem apenas a fala de profissionais da área de Biblioteconomia. Nós pensávamos que isso era, naquela ocasião, uma proposta inovadora, porque muitos dos cursos da UFRJ que tinham participações externas, tinha uma ou outra participação e nós ousamos apresentar dentro da nossa proposta a participação de oito unidades da UFRJ. Isso foi verdadeiramente um sonho, mas, na realidade, quando o curso se concretizou a gente viu que esse sonho era um sonho de uma noite de verão. Quando tivemos essa ideia de trazer essas disciplinas para o curso, a gente não sabia que nós teríamos que passar por todas as congregações dessas instituições para que essa proposta pedagógica fosse aprovada, pensávamos que bastaria que a gente solicitasse um professor do curso para administrar a disciplina e ponto, e não era assim que funcionava. Quando a proposta ficou pronta, em 2003, nós tivemos que apresentar essa proposta em todas essas oito unidades da UFRJ, para que eles a analisassem e concordassem em participar dessa proposta pedagógica. Então foi uma via-crúcis [...] Então isso nos levou a um patamar de que nós estávamos construindo algo que não sabíamos se estava à altura da UFRJ, porque não sabíamos sequer que existia uma resolução para a criação de curso de graduação. Então esse é um ponto que eu acho que vale ficar para o futuro, para que se outros cursos forem criados essa nossa experiência possa ser repassada como uma ajuda para que não se comece do zero [...] Acho que esse foi um dos empecilhos.

Maria José: Hoje nós temos no curso 37% de disciplinas na área de Biblioteconomia, 33% na área de Gestão, e 30% em áreas interdisciplinares com a nossa, que é História do Registro e da Informação, Língua Portuguesa, Comunicação e Realidade Brasileira, Sociologia, Filosofia.

O fato de ser um grupo composto somente por técnico-administrativos teve algum impacto na aprovação do curso?

Eliana: Diante do tamanho da universidade e com toda a sua complexidade, a proposta demorou muito, porque tinha que passar por várias instâncias até ela ser aprovada. Foi tão inusitado que gerou uma entrevista no jornal do Sindicato dos Trabalhadores

da Educação da UFRJ (SINTUFRJ), onde veio estampada uma foto de uma parte da comissão de implantação do curso, cujo título era “A Vitória da Obstinação”, porque foi realmente uma tarefa muito árdua, mas a gente conseguiu, finalmente, que o curso fosse inaugurado.

Maria José: Na realidade, eu acho que eles colocaram esse título na reportagem porque nenhum curso até então foi criado por técnicos, e esse, logo no início, foi aprovado. Nos reuníamos todas as semanas na biblioteca, hoje Pedro Calmon, na época era Biblioteca Central, e trabalhávamos muito.

Elaine: A obstinação foi porque nós encontramos alguns preconceitos, sim, porque não éramos docentes. Era uma coisa: “Como elas não são docentes? Como vão fazer um projeto pedagógico?”

Mariza: O que deu mais foco nessa manchete da vitória da obstinação, foi porque nós íamos a todos os centros acadêmicos defender a proposta pedagógica do curso. Muitos centros, como o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, perguntavam porque tinham que atuar na matriz curricular desse curso; fomos na Escola Politécnica, no Instituto de Matemática... dizíamos o quanto a gente achava que a interdisciplinaridade seria importante para formar os novos bibliotecários. Eu acho que de tanto que nós insistimos nisso dentro das unidades, nós ficamos conhecidas como obstinadas mesmo.

Como foi o trabalho da equipe durante a elaboração do projeto?

Graça: Um fato interessante que marcou muito as nossas reuniões foi o espírito de unidade. Mariza disse para trabalharmos unidas e evitarmos comentar sobre a proposta. Assim, a gente trabalhou em silêncio, quando os documentos saíam [...] não eram divulgados. Já chegávamos [nas unidades] e já estava aquela “coisa” pronta, amarrada, toda documentada, então não tinha como... porque já tinha tudo sido muito debatido entre nós, e realmente nós mantivemos como se fosse uma maçonaria. A gente não comentava, as portas se fechavam e a gente não falava; e foi assim, tipo um segredo de Estado. Eu acho que nós vencemos pela obstinação em todos os sentidos, nós nos unimos e dissemos: nós vamos criar essa proposta e vamos seguir! Porque nós sabíamos que haveria uma série de preconceitos por nós sermos técnicas. A proposta surge tanto pelo estudo dos currículos como pela nossa experiência, durante nossa própria trajetória individual, de cada uma, nas bibliotecas. Nós sentimos que tínhamos que saber algo mais, então cada uma procurou se qualificar, fazendo um curso de planejamento, de administração e de marketing [...] nós sentimos que os profissionais que teriam que assumir as bibliotecas tinham que ter um perfil diferenciado. Então, em cima disso, os nossos estudos foram realizados e, além de nós nos reunirmos, nós levávamos o nosso dever de casa. A gente ficava com atribuições de ver o currículo, ementas, bibliografias, rever bibliografias, procurar os livros que tinham sido publicados, o que que estava acontecendo no mercado livreiro para a gente poder ler os resumos... enfim, nós nos preocupamos com o conteúdo programático, com a bibliografia, com a nossa capacitação e, sobretudo, eu acho que a vitória foi da união do grupo. Se nós não tivéssemos unidas em cima desse projeto ele não teria saído.

Qual foi o tempo transcorrido entre a elaboração da proposta pedagógica e a sua aprovação na UFRJ?

Mariza: Começou em 2000 e a proposta ficou pronta só em 2003, sendo aprovado em 29 de junho de 2005, mas no Conselho Universitário da UFRJ (CONSUNI) só foi aprovado em 14 de julho de 2005. No entanto, não tínhamos absolutamente nenhuma infraestrutura e nenhum professor, o que inviabilizava o início no primeiro período de 2006. Assim, o Conselho de Ensino de Graduação (CEG) definiu que teria esse tempo para começar o curso em agosto de 2006.

Qual foi a importância do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES) para a elaboração da proposta pedagógica?

Eliana: O grupo se preparou muito para elaborar a proposta pedagógica. [...] um grupo de professores do NUTES customizou um curso para os integrantes da comissão e, assim, íamos uma vez por semana ao Fundão para ter aulas. E nele [no curso] nós tivemos diversas tarefas, apresentamos trabalhos, fizemos grupos de estudos na área de educação. Ao longo de todo o trabalho de elaboração da proposta íamos discutindo com os professores do NUTES, tendo ideias... foi um embasamento muito bom para a comissão.

Mariza: O NUTES trabalha com tecnologia educacional, assim em diversos momentos nós estávamos ouvindo as inovações na área da Pedagogia, líamos artigos sobre tendências educacionais inovadoras, discutíamos artigos sobre casos de sucesso na área de Pedagogia. Isso foi um alento, porque naquela ocasião a gente já estava pensando, que daquele grupo surgiriam professores para o curso, então isso já foi uma visão futura, de que aquele curso poderia preparar professores para o curso de Biblioteconomia.

Elaine: Essa capacitação foi essencial para a elaboração da proposta, abriu a visão, conhecemos vários projetos pedagógicos diferentes, estudamos várias linhas da Educação... muito interessante. [...] Outra coisa que eu acho que foi bem importante, logo no início, foi a primeira coisa que nós fizemos [...] foi aquilo que a Mariza dizia: o que você acha que falta num curso de Biblioteconomia, o que você percebe que não tem? E cada uma foi dizendo: “Eu acho que precisa de mais Gestão porque a gente não tem” [...] Então essa parte foi interessante, e cada uma dizia... “Não, falta um pouco da área de Humanas [...] tem que aprender a pensar”... Do seu período, da sua carreira, da sua experiência profissional, o que você sente falta e o que você sente falta nos bibliotecários com que você conviveu.

Neste caso, havia expectativa de que alguns integrantes da comissão se tornassem professores do curso.

Mariza: A Comissão era composta por 14 pessoas, sendo que dessas se tornaram professoras Maria Irene, analista de sistemas, Vânia, Mariza e Maria José, bibliotecárias. Algumas ficaram como professoras substitutas [durante algum tempo], como a Jane e a Cristina Paiva, porque para o primeiro período começar em agosto de 2006 não tínhamos nenhum professor. Eu comecei com a disciplina de Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, a Jane com História do Registro da Informação e a Cristina com Mediação de Leitura. Dessas três, a única que fez concurso para professora assistente fui eu, a Jane por motivos pessoais desistiu de continuar com a docência e a Cristina, na época, como ainda não tinha mestrado completo, achou que não era conveniente a sua participação como professora do curso. Para o segundo período foram feitos outros concursos para substituto, entrando nessa ocasião Maria José, Vânia Lisboa e Nysia [que não era integrante da comissão].

Maria José: Bom, [...] teve o primeiro concurso para professor substituto, e nessa fase entraram a Mariza Russo, a Jane e a Cristina Paiva, três bibliotecárias fizeram concurso para professor substituto que era justamente para o primeiro período que ia começar em agosto. Logo em seguida, a professora Mariza Russo fez concurso para professor assistente. Eu quero dizer que esses concursos eram para valer, ninguém da comissão tinha prioridade nenhuma para contar no currículo porque era da comissão ou por qualquer outro motivo... E sempre feito totalmente por pessoas de fora [da universidade], porque não tinha ninguém da nossa área, já que não tínhamos o curso. A professora Mariza, além de primeira coordenadora, é a primeira professora do curso.

Mariza: Eu lembro que eu estudei tanto Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação que a minha cachorra Dot... sabia tudo sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação. Então foi para valer, porque a gente não podia... imagina se nós, que estávamos à frente da criação do curso, fizéssemos um concurso e não passássemos... nós tínhamos o dever, a responsabilidade de passar no concurso. [...] Os participantes da nossa banca, eu me lembro como se fosse hoje, a professora Regina Cianconi, lá da UFF, meu Deus do céu, ela me olhava no dia da prova [...] com tanto rigor... mas não me causou nenhum medo, pelo contrário, eu fiquei muito à vontade porque eu dominava o assunto, porque esse assunto vinha desde 2000 na minha cabeça e depois eu tirei até a licença no último mês da comissão para ficar... com os arquivos estudando para fazer o concurso. Então a gente tem realmente muitas histórias boas para contar, e é óbvio que tivemos também alguns desentendimentos.

Maria José: Eu me lembro no concurso para Representação Descritiva, ou Catalogação, que a Mariza vira para mim e diz assim: “Mana, você vai ter que fazer esse concurso, foi você que fez as ementas”. E, na realidade, eu fiquei com essas disciplinas porque ninguém queria, ninguém suporta catalogação... Então eu disse: “Me dá isso aqui!” [...] a professora Mariza disse que eu tinha que fazer o concurso. Mas fui lá na casa dela, tremendo das pernas, mostrando meu ppt [para a prova didática do concurso] e ela: “Não, está bom, é assim mesmo”... e aí ela que me acalmou e eu dali em diante estudei e estou aqui.

Existem fatos interessantes e inusitados que vocês gostariam de contar?

Eliana: Sempre tem alguma coisa engraçada. Antes do curso ser lançado, em 2006, ele já tinha sido aprovado, mas ainda não tinha começado, nós já tínhamos participado de dois eventos: fomos para o Fundão participar de um evento chamado Conhecendo a UFRJ, onde nós falamos sobre o curso para estudantes do ensino médio, sendo que nós nem tínhamos começado ainda; outro foi que nós participamos de um congresso em Buenos Aires, da International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA); a Mariza não pôde ir, e eu e a Graça fomos, representando o curso, na reunião de Diretores de Escolas de Biblioteconomia, que era uma reunião da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN); e estávamos nós duas participando da reunião e falando sobre um curso que nem tinha começado ainda.

Mariza: Outra situação, quando da participação em um evento em Belo Horizonte, também da ABECIN, em que pela primeira vez se falou em Gestão de Unidades de Informação (e se criou uma polêmica incrível sobre essa questão), as pessoas discutiram muito, exatamente porque achavam que não era Gestão de Unidades de Informação e, sim, Gestão da Informação. E nós fizemos valer a nossa visão de que dentro de uma unidade de informação nós não faríamos só a gestão da informação, mas também a gestão de todos os recursos que envolviam a unidade de informação.

Eliana: Esse seminário, em Belo Horizonte, foi realizado em novembro de 2003, cujo tema era Gestão da Informação e chamava-se Primeiro Seminário Pedagógico da ABECIN. Também tem a história da Nossa Senhora Desatadora dos Nós, na Penha. Porque de 2001 a 2005, a proposta ficou passando pelas oito unidades da UFRJ.

Quais foram essas oito unidades?

Eliana: Foram a Escola de Engenharia, IFCS, Instituto de Psicologia, Economia, Belas Artes, Faculdade de Letras, Escola de Comunicação, Escola Politécnica e a própria FACC. Em cada uma das oito unidades cada vez que a proposta chegava tinha que esperar a congregação, e sempre era aprovado, mas tinha aquela discussão: curso de Biblioteconomia, professor de Biblioteconomia, mas como é que vai funcionar isso... Durante os anos de 2001 a 2005, a proposta ficou circulando até que estancou no Instituto de Matemática, e nada saía, não andava, não andava... aí a gente foi pedir ajuda aos céus, pedimos ajuda à Nossa Senhora Dasatadora dos Nós, lá na Penha, para ver se ela nos ajudava.

Graça: Depois que o projeto foi aprovado, nós fomos juntas até a Igreja de São Judas Tadeu para agradecer com uma missa de Ação de Graças, que nós mandamos celebrar.

Maria José: Eu queria destacar dois fatos importantes: o professor Aloísio Teixeira, então reitor da UFRJ na época, achou que o curso era tão importante que deixou duas bibliotecárias à disposição da comissão para trabalhar somente na proposta pedagógica, que foram a Mariza e a Eliana e, além disso nos deu a sala dele de presidente do Fórum de Ciência e Cultura para instalarmos o curso nos seus primeiros anos.

Mariza: Tem também um fato curioso com o professor Aloísio e a professora Aracéli, diretora da FACC [na época]... e a FACC não tinha sala para os seus professores, prin-

principalmente o curso de Administração e a congregação estava meio que reticente em aprovar o curso, porque seriam mais turmas a trazer problemas de alocação de salas de aula. Então nós tínhamos que convencer essa direção da importância do nosso curso estar vinculado à FACC. Nós até poderíamos ter escolhido outra unidade, pois a maioria dos cursos no Brasil é vinculada à área de Comunicação, mas queríamos a área de Administração pelo fato do curso ter esse foco na área de Gestão. Lembro, que um dia [...] eu me reuni com a professora Aracéli e o professor Aloísio e apresentei um ppt para eles dizendo que teríamos no primeiro ano uma turma e precisaríamos de uma sala, no segundo ano teríamos duas turmas e precisaríamos de duas salas, no terceiro ano... eu fui fazendo assim até o quinto ano, aí eu fui colocando que nós teríamos um laboratório de trabalhos técnicos para apresentar como se fazia representação descritiva... Aí o Aloísio falou assim pra mim: “Mariza, você está sonhando muito, mas está sonhando muito alto”. Aí eu falei: “Professor, logo o senhor, um grande sonhador, vem dizer para mim que eu estou sonhando muito alto”, e ele falou: “É, realmente, eu sou um grande sonhador, você tem que sonhar alto mesmo”. Naquele momento eu senti que a professora Araceli começou olhar para a gente com outros olhos, porque ela viu o quanto ele estava apoiando a criação do nosso curso. E ele, naquele dia, disse para ela as palavras que eu vou repetir pra vocês agora: “Vocês não têm sala agora, mas daqui a quatro meses vocês terão salas”. Eu confesso a vocês que eu não acreditei nisso; porque em quatro meses ele iria construir quatro salas de aula? Mas foram construídas sete salas de aula e duas de apoio, em 4 meses.

Eliana: Acho que vale ressaltar onde eram essas salas, eram no prédio do CFCH, na Praia Vermelha, onde o segundo andar estava completamente vazio, cheio de poeira, de escombros e ali é que foram construídas as sete salas de aula.

Elaine: E nós ficamos algum tempo no prédio do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), no terceiro piso.

Eliana: E quando o curso foi lançado, em 2006, nós ocupamos três das sete salas de aula.

Mariza: Primeiro, nós ocupamos uma em 2006.2; em 2007.1, ocupamos a segunda; em 2007.2, ocupamos a terceira; em 2008.1, ocupamos a quarta; e aí, depois, porque nós fomos praticamente expulsos pelos “donos” do [PACC], que a gente está aqui agora, que nos convidaram a sair daquele prédio, porque seria interminável o crescimento do curso, acho que eles não esperavam que a gente fosse crescer tanto.

Após a aprovação do curso, vocês pensaram em desenvolver algumas ações, antes do início da primeira turma?

Graça: Um fato muito interessante e rico na minha experiência com o CBG, foi do Conhecendo a UFRJ, que aconteceu no Fundão. Fui com a Mazé em algumas escolas, a gente montava uma banca, entregava folders... e a gente chamava os alunos para conversar, para falar do curso... e a gente dava palestras para eles... E isso foi por causa da Cristiane e do Cláudio, que tinham passado para o curso e foram com a gente.

Eliana: Isso foi antes do curso começar, em junho de 2006, e o curso começou em agosto de 2006. Como houve uma reunião de integração dos alunos, nós chamamos os alunos para participar do Conhecendo a UFRJ e de alguns outros eventos junto conosco.

Mariza: Nós começamos a chamá-los no Dia do Bibliotecário, 12 de março de 2006, nós chamamos essa turma que passou em fevereiro, porque eles só iam começar em agosto, chamamos para um evento no Pedro Calmon, onde nós fizemos um histórico do curso.

Eliana: Mas nós fizemos no PACC também. Esse foi um evento de integração. Acho que vale mencionar, que quando você coloca o curso na praça e ele começa a funcionar, você começa a ver também as dificuldades que vão ocorrendo. Então uma coisa que você sonhou e que achava que seria fantástica, acaba se tornando um entrave, como por exemplo o estágio supervisionado em Biblioteconomia, porque: o que nós pensamos quando elaboramos a proposta? Que essas unidades de informação da UFRJ, que na ocasião eram 43, seriam os laboratórios para que esses alunos pudessem realizar os estágios supervisionados em Biblioteconomia.[...] porque a gente mandava um plano de estágio e a pessoa tinha que escrever o que o aluno estava fazendo, tinha que designar as atividades para esses alunos e, no final, tinha que fazer um relatório de como ele tinha saído, e o aluno também, de como foi o estágio... e isso a gente vê que acabou se tornando um problema.

Mariza: Não esperávamos mesmo.[...] Nós fizemos um evento, trouxemos um professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) para falar sobre gestão de unidade de informação, o professor Silas de Almeida; ele fez uma palestra para todas as bibliotecárias da UFRJ para que elas percebessem a importância de preparar os futuros bibliotecários com essa visão administrativa, que não era só a visão técnica, que era fundamental naquele momento do nosso país que as unidades de informação também precisavam de profissionais com essa visão de gestores.

Vocês criaram o curso esperando um perfil específico de bibliotecários. Vocês percebem esse perfil nos estudantes que fazem estágio nas bibliotecas da UFRJ ou, mesmo, nos bibliotecários formados pelo curso?

Paula: No período em que eles começam a fazer o estágio ainda não tem essa segurança de fazer colocações na visão de um bibliotecário gestor, mas eles são proativos e eles têm a liberdade de propor, na grande maioria dos lugares que eles podem exercer o estágio supervisionado, é uma troca. Nas experiências que eu tive, eu vejo uma diferença grande, eu acho que aquela conversinha de 12, 13 anos atrás, realmente se espelha. Eu diria que das experiências de aula, acho que a minha é a mais recente, eu acabei de dar uma disciplina de gestão no curso, como professora convidada, e foi uma das melhores experiências da minha vida. Foi uma coisa que eu consegui estabelecer, uma troca de aprendizado com os alunos, que eram novinhos, 2º semestre de universidade, e tivemos um resultado surpreendente no final do semestre, porque eu coloquei para eles elementos durante o semestre que eles pudessem usar e construir um conceito de biblioteca. [...] A minha experiência de gestão esses anos todos, desde que eu me formei [...] toda

essa bagagem construída eu pude levar para sala de aula, então esse enriquecimento da prática com a didática, eu acho que em algumas partes do curso é fundamental, principalmente a gestão, porque não se pode ficar só na teoria.

Quando o curso da UFRJ foi criado, naquele momento, o que se esperava de um bibliotecário formado por ele?

Mariza: Naquele momento, como todas nós éramos gestoras de unidade de informação e vivíamos uma série de problemas na gestão de uma unidade de informação, esperávamos lançar no mercado bibliotecários com esse perfil de gestor, para que não passassem pelas dificuldades que nós estávamos passando no decorrer da nossa trajetória profissional. E isso se configurou na prática, eu tenho certeza disso, talvez a gente não tenha conseguido muitas outras coisas, mas isso a gente conseguiu, lançar no mercado bibliotecários com esse perfil de gestor e que estão fazendo a diferença nas unidades de informação, haja vista esses concursos todos que eles estão passando e os relatos que a gente têm visto e que vamos, depois desses dez anos, sistematizar numa pesquisa sobre a situação dos egressos do nosso curso.

Atualmente já temos bibliotecários formados no CBG que estão atuando nessas bibliotecas da UFRJ. Vocês acreditam que a médio e longo prazo eles podem provocar mudanças na atuação dos profissionais que lá trabalham?

Mariza: Eu tenho uma visão sempre cor-de-rosa de que eles vão fazer a diferença e sempre que encontro com eles eu vejo que estão fazendo uma diferença, e eu sempre digo para eles que façam isso, mas com bastante cuidado porque eles estão trazendo uma visão nova da Biblioteconomia para alguns lugares em que a Biblioteconomia ainda tem uma prática muito tradicional, e isso eu vejo acontecendo em algumas unidades de informação, é um choque entre o que há de mais novo com o tradicional que normalmente é da chefia da biblioteca, mas por outro lado também vejo que muitos desses chefes estão aceitando esses novos caminhos e isso tá sendo bom para ambos, porque eles estão vendo o que é de mais conservador, estão comparando o que eles tiveram aqui e estão levando uma visão mais moderna para as unidades de informação.

Passados dez anos, depois de relembrar todo o início, as dificuldades que vocês enfrentaram, as dificuldades que ainda se enfrenta, qual é a avaliação que vocês fazem e o que esses dez anos representam em termos de avanço?

Mariza: Eu acho que as maiores dificuldades nós encontramos dentro da UFRJ mesmo. A primeira grande dificuldade foi a aprovação da proposta pedagógica no CEG, a grande maioria dos professores de várias unidades da UFRJ não entendiam, como talvez não entendam até hoje, como técnicos-administrativos podiam planejar e programar uma proposta político-pedagógica de um curso, eles achavam que isso era uma capacidade

só de docentes. Sorte a nossa que existiam professores com a cabeça mais arejada, que entendiam que qualquer profissional que tivesse expertise na área, que tivesse uma formação acadêmica um pouco mais elevada, no grau de mestrado ou doutorado, podia efetuar essa tarefa. Nós tivemos alguns aliados muito fortes, e uma das pessoas foi a presidente do SINTUFRJ na ocasião, a Ana Maria Ribeiro, que foi nossa defensora ferrenha. Além disso, como lembrou a Eliana, a Reitoria estava muito favorável à criação do nosso curso. Me lembro que no dia 19 de julho de 2004, era meu aniversário e eu estava com a minha família, eu recebi um telefonema da direção da alta administração da UFRJ marcando um encontro comigo e com o então reitor professor Carlos Lessa e com a professora Silvia Vargas, que era vice-reitora, porque souberam que a gente estava fazendo essa proposta pedagógica e queriam saber em que pé estava a proposta. Então tudo estava conspirando a nosso favor, mas nós precisávamos dessa aprovação do CEG, e nós tivemos um pró-reitor que era da equipe dessa reitoria, o professor José Roberto, da PR1, que foi um dos nossos grandes aliados. Então grande parte da nossa defesa foi feita por essas pessoas que fizeram com que os demais, que eram céticos em relação a isso, aprovassem a proposta. Eu lembro de receber uma ligação do José Roberto, em que ele me disse que tinha sido aprovado no CEG; eu lembro que chorei muito, porque aquilo era a coroação dos nossos sonhos... e daí começaram os outros problemas, a gente achou que tinha terminado, mas foi um desbravar de tudo, já que ninguém nos deu o caminho das pedras... e nós fomos pisando nessas pedras. Nós tivemos muitos ganhos na medida em que fomos conseguindo vagas para os docentes, porque aí o grupo foi se fortalecendo. Então não era só uma, duas pessoas a lutar contra toda essa estrutura da universidade... e cada uma de nós ia fazendo uma coisa. Eu passei a monitoria para a Mazé: “Mazé, por favor, cuida disso [...], Eliana você cuida dos estagiários”... porque a partir do 4º período tinha que lançar os estágios supervisionados, então a Eliana ficou responsável pelos estágios de Biblioteconomia; a Graça, já como professora colaboradora, ficou com o estágio de gestão; e nós fomos dividindo as tarefas, e essas tarefas foram sendo vencidas ao longo desses anos. As dificuldades hoje continuam, mas nós estamos trabalhando todos nesse espírito colaborativo, nós temos várias comissões, cada comissão se preocupa com uma dessas atividades, a Patrícia [professora do curso] mesmo é responsável por uma comissão de Trabalhos de Conclusão de Curso, hoje a monitoria está com o professor André, o estágio está com o Robson e com a Nysia, tem a comissão do curso de Biblioteconomia na modalidade à distância, que foi um outro ganho do CBG, a gente ganhou um edital da CAPES para acompanhar o gerenciamento da produção de conteúdos para lançar um curso de Biblioteconomia à distância pelo Brasil afora. Esse mérito se deve à projeção do CBG no cenário dos cursos presenciais no Brasil, que nós éramos um dos cursos mais novos e, no entanto, fomos o escolhido pra isso. Então o que a gente viveu nesses últimos 10 anos foi um cenário de batalhas, mas um cenário de muitas vitórias, e nessas vitórias eu posso dizer com toda a certeza que foi uma vitória desse time que está aí sendo construído, o time de vocês que começaram, o time de professores que continuaram, e até dos alunos, que estão ajudando a gente a crescer nesse cenário.

Eliana: Para responder à pergunta com relação aos 10 anos e os ganhos, e Mariza que falou agora dos alunos, eu queria ressaltar a qualidade, o nível dos TCC quando os alunos estão se formando. Os alunos entram aqui de uma forma e saem com trabalhos maravilhosos, eu acompanho os TCC desde a primeira turma e só tenho elogios a fazer. Na nossa primeira turma, em 2006, nós temos um exemplo de uma aluna que entrou aqui e não sabia segurar o mouse e, ao término, apresentou um TCC que envolvia estu-

dos envolvendo estatísticas, ou seja, ela teve uma curva de crescimento exponencial de você ficar de queixo caído ao final da apresentação. Acho que isso é um ganho imenso do curso, mostra a qualidade das disciplinas que nós inserimos na matriz curricular e, obviamente, dos alunos, que conseguiram ao longo do curso assimilar esse conhecimento e incorporar novos, e apresentar TCC super criativos, que eu fico extasiada realmente com uma grande parte deles.

Para encerrar, qual a expectativa para os próximos dez anos?

Eliana: Eu acho que o Núcleo Docente Estruturante (NDE), que a Mariza faz parte [...] eu acho que depois desses dez anos algumas observações foram feitas com relação as disciplinas, o formato da nossa grade curricular, e algumas mudanças estão sendo realizadas em função da experiência que se teve durante esses 10 anos. Eu acho que os concursos foram quase todos realizados, os que a gente tinha planejado, ficamos um tempo influenciados pela greve, por uma série de intercorrências aí no meio do caminho, mas eu tenho uma expectativa de que ajeitando a matriz curricular... eu acho que a gente tem que estar sempre de olho no que está acontecendo no mercado, porque com as disciplinas optativas a gente sempre pode oferecer novas visões para os nossos alunos, e conhecimento nunca é demais. Então eu vejo um futuro muito bom para o curso.

Mariza: Eu acho que primeiro há a questão do amadurecimento da proposta pedagógica, que após muitas reflexões sobre essa proposta, que já foi modificado de 2003 pra 2008, o NDE está bastante ciente dessas necessidades, e está trabalhando em função da demanda dos alunos e dos próprios docentes, acho que isso traz uma perspectiva bastante promissora para o curso. [...] Eu acho que mais do que isso a gente precisa falar na questão de que nós nem pensávamos em criar um curso avançado do CBG aqui da Praia Vermelha, isso foi uma situação que aconteceu e que nos pegou de surpresa no final de 2009, quando aconteceu a expansão que o Ministério da Educação (MEC) sinalizou para todas as universidades, e aí na nossa unidade na FACC foi feita uma proposta de criação de um curso de expansão da Biblioteconomia lá na Cidade Universitária. Isso foi pra mim, no meu entender, um avanço do nosso curso, porque jamais teria proposto pela própria unidade essa questão se o nosso curso não tivesse sido entendido na unidade como um curso de alto nível, curso de excelência. [Isto] porque a princípio quando nós trouxemos o curso para a FACC muitos professores não sabiam o que era o curso de Biblioteconomia, e nós fomos ganhando passo a passo o respeito desse grupo que nos levou a fazer o convite para a criação de um curso avançado lá na Cidade Universitária. Com isso, a gente ganhou novas vagas docentes, então aquele grupo que foi aos poucos crescendo, que eram três, depois passaram a ser cinco e depois oito, depois 12... esse grupo cresceu para quase 30, que são os docentes que temos hoje, ainda com concurso para ser realizado com mais duas vagas. Eu acho que um grande ganho nosso foi a questão da expansão, que também é dificultoso. Nós nem sabíamos que seria um curso novo, para nós era apenas uma expansão desse curso daqui e depois a gente descobriu que era um curso novo, porque tinha um outro endereço, essa foi uma situação que não nos foi esclarecido na época e isso tem desdobramentos, porque seria uma nova avaliação do MEC, uma infinidade de outras coisas que nós teríamos que dar conta. Mas eu também vejo vantagens. Hoje nós temos um centro acadêmico composto por alunos da Cidade Universitária e do curso aqui da Praia Vermelha, e isso faz com que haja um crescimento entre esses grupos, a gente não tem essa certeza ainda,

possivelmente a gente tenha essa certeza quando esse estudo de egressos se concretizar, e talvez nós tenhamos estudantes de realidades econômicas totalmente diferentes, mas que estão se integrando por meio da profissão, por meio do acesso ao conhecimento. A gente está vendo que o futuro desses jovens é um futuro promissor, nós estamos abrindo vagas no mercado de trabalho para eles que nós nem na ocasião pensávamos que tivessem essa vagas... Apesar de ter um fato inusitado para contar para vocês de que o curso foi aprovado no dia 29 de junho de 2005 e no dia 30 de junho de 2005 eu recebi um telefonema de uma instituição acadêmica aqui do Rio de Janeiro me pedindo estagiários e nós não tínhamos nem turma, nós tínhamos o concurso aprovado na véspera, para vocês verem como é que o curso foi uma oportunidade para jovens de nosso Estado abraçarem uma carreira, que tinha lacunas no Estado e que eles estão preenchendo hoje de uma forma que eu considero bastante competente e inovadora.

Vocês gostariam de fazer mais algum comentário?

Mariza: Eu acho que eu poderia fechar dizendo que a equipe de docentes do nosso curso é uma equipe que é vista como uma equipe diferenciada, não só por nós, temos certeza disso, mas também por professores de outras universidades e de outros cursos na própria UFRJ, que veem que o trabalho que a gente realiza aqui é um trabalho diferenciado. Acho que isso é um dos resultados que nós temos e esse trabalho é também espelhado nas alocações de nossos alunos nos trabalhos de conclusão do curso que eles apresentam, eu sempre fico emocionada, a Eliana também sempre vai assistir as apresentações, porque é encantador perceber esse amadurecimento deles fazendo junção entre a Biblioteconomia, Administração e Tecnologia.

Eliana: E inovação acima de tudo, porque eu tenho visto trabalhos de final de curso de pessoas que você não acredita quando você vê no primeiro período e chega no final do curso apresentando trabalhos maravilhosos na área de Estatística, Tecnologia e criando e inovando. Impressionante! São trabalhos que ganharam prêmios na FACC, na UFRJ como um todo. São alunos que merecem todo nosso reconhecimento, e eu acho que mostra que o curso está no caminho certo.

Mariza: Acho que vale reconhecer o trabalho do nosso corpo docente e também vale muito a pena reconhecer o trabalho do corpo discente que é um grupo que também se mostra diferenciado, porque a gente percebe que eles entram aqui, muitos nem sabendo o que é Biblioteconomia e depois acabam abraçando a carreira com um entusiasmo incrível. Até alguns que no início diziam que não queriam ser bibliotecários tradicionais tiveram oportunidade de ser bibliotecários na área de gestão e acabaram escolhendo a carreira de bibliotecários tradicionais, então corpo discente também se mostrou sempre muito diferenciado e eu acho que a gente foi muito feliz nessa nossa iniciativa.

Especial agradecimentos às estudantes de Biblioteconomia **Letícia Machado da Silva** e **Tatiane da Silva Costa**, pelos registros fotográficos e filmográficos e pela transcrição das entrevistas.

Sem o apoio de vocês não teríamos o mesmo êxito na produção desse material!